

era pleno mês de abril  
céu em matiz violeta  
no cais da pátria gentil  
ao mar a nau brasileira  
brindando erguendo a taça  
políticos e mercantes  
em instantes a devorar  
mil litros de cachaça  
não prevendo a desgraça  
quando perdidos no mar

navegaram sete anos  
cruzaram sete oceanos  
sobre desgovernado mar  
na ronda da fome a matar  
puseram sola de molho  
para outro dia jantar  
mas sendo sola tão rija  
tornou impossível roer  
ao capitão suplicaram  
os cadáveres prá comer

as almas a vagar lhes deixes  
os corpos joguem aos peixes  
falou o capitão-general  
quem tiver mente profana  
e a fome do canibal  
se comer da carne humana  
terá um inglório final  
à morte será condenado  
o anjo perverso do mal  
e seu corpo ao mar lançado

na rudeza dos instintos  
a fome foi bem mais forte  
a legião dos famintos  
decidiu no jogo a sorte  
que foi solene apontar  
quem pagará com a morte  
e servirá prá divina ceia  
mas cruel destino a tecer  
fatal enredo na teia  
a sorte ao capitão foi ter

o capitão-condenado  
ordenou ao gajeiro leal  
num gesto atormentado  
subisse ao mastro real  
prá avistar céus de espanha  
ou montanhas de portugal  
mas o marujo a espiar  
no convés pronto em motim  
sete espadas a brilhar  
para o sublime festim

vai meu último apelo  
marujo alvissareiro  
pelo teu grande desvelo  
avista céu brasileiro  
ou terras de portugal  
prometo meu reino inteiro  
minhas naus todas te darei  
carregadas de ouro e prata  
minha mulher te confiarei  
prá te tornar escravocrata

sete anos a navegar  
sem lei e desgovernada  
a nau brasileira no mar  
com a chusma revoltada  
cada punho a sentenciar  
brindou erguendo a espada  
a fome não vai esperar  
e os marujos num instante  
em delírio a devorar  
o capitão-comandante

bis

Adalberto Braga da Silva